

# CURTA CIRCUITO

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

E LE PETIT

APRESENTAM:

15 ANOS  
MOSTRA DE CINEMA  
PERMANENTE

JULHO/AGOSTO

2016

CADERNO DE CRÍTICA





## EDITORIAL

### **Encontros, Lutas e Despedidas**

Chegamos a mais um fim de um capítulo. Afinal, 15 anos dedicados ao cinema brasileiro são para os fortes. Fazer o Curta Circuito é uma luta diária, redescobrir nossos filmes, resgatar nossa história. Trabalho árduo de reconhecer a importância de nossos realizadores e do nosso cinema, tendo sempre que lutar contra as ausências de políticas públicas referentes ao campo da exibição, contra "pré-conceitos" entorno da nossa cinematografia, sem contar com uma parcela do público e da mídia que ainda prefere prestigiar a presença impregnada e agressiva do cinema estrangeiro em nossas salas.

A batalha é árdua, meus queridos, mas nunca será em vão. E o que fica além de alguns arranhões e tropeços são lembranças e encontros memoráveis. Estas serão sempre as nossas armas e as carregaremos conosco onde for.

Encerramos nosso último bimestre da temporada 2016 em grande estilo. Serão quatro obras que deixaram saudade. Filmes que tiveram um expressivo reconhecimento de público na época de seu lançamento e que agora retornam às telas. Três deles com realizadores inéditos no Curta Circuito: Amâncio Mazzaropi, Claudio Cunha e Sílvio de Abreu. O quarto, Pedro Carlos Rovai, volta novamente às nossas telas depois de uma exibição emocionante em 2014 do Amante Latino, sessão comentada pelo Sidney Magal.

E é assim com gostinho de quero mais que nos despedimos, ou apenas dizemos um até logo! As circunstâncias mercadológicas me fazem "antecipar" esta fala, mas é hora de optar por tomar o fôlego pra buscar o 2017!

Meu carinho especial a toda a equipe, parceiros, realizadores, patrocinadores e público que trabalharam, apoiaram e prestigiaram o projeto e o cinema brasileiro nessa linda trajetória.

Na esperança de que nos encontraremos em breve,  
Com afeto e luta sempre!

*Daniela Fernandes*

# CURADORIA

## Bimestre 3 - Figuras Populares no Cinema Brasileiro

A simplicidade e a lascívia da língua do povo

Alcançar o povo é a maior das utopias e o maior dos desafios do cinema brasileiro. Nos acostumamos a ler a história do cinema brasileiro como um contínuo e progressivo aparte entre seus cineastas (sobretudo os grandes) e o povo brasileiro. Pintamos o quadro desse aparte nos lembrando, de começo, dos epítetos Paulo Emilianos, anunciando sobreiramente, já em 1950, os perigos da competição com o filme norte-americano, favorito do paladar popular. Somamos ao quadro da memória os sucessivos insucessos do Cinema Novo em se comunicar com o público nacional e arrematamos nosso esboço com a memorabilia do programa estatal de cinema “popular de qualidade” guiado pela Embrafilme nos anos 70. Tal paisagem pintada é verdadeira, porém incompleta. Se nas suas tintas a cor do fracasso se sobressai, amarga, é porque em outros quadros, outras figurações possíveis do cinema brasileiro, houve quem retratasse seu encontro com o público, com o povo, com os populares do Brasil, em suma, nas mais ricas cores do sucesso e identificação.

Em boa medida, nosso principal problema para compreender a relação de nosso cinema com seu povo é de historiografia. Ao conferir ao Cinema Novo (e toda a sua revisão político-nacionalista do cinema brasileiro até seu surgimento) a primazia da narrativa histórica de nosso cinema, partimos da relação cinema-povo do ponto de vista eminentemente político. Para os cinemanovistas, o povo é o agente da revolução e os filmes poderiam riscar o fósforo do desejo de mudança no coração dos espectadores. A utopia é bela e justa, mas a realidade é fria. Encarnando o velho conflito Maiakoviskiano do “biscoito fino para as massas”, os novos ofereceram quitutes nem tão adocicados ao gosto do populacho, um bocado afeito ao prazer do cinema enquanto fruição sensorial, elixir pra vida-dura. Ao fim do primeiro momento da onda cinemanovista, depois do AI-5, o endurecimento do tempo fez os mais aguerridos continuarem sua trajetória solitária em busca do cinema transformador e atuante pelo qual tanto lutaram (Glauber à proa). Outros tantos dos “novos”,

um pouco velhos de coração, se lançaram num “cinema de equilibrista”, balançando entre a pretensa qualidade e as ambições comerciais, entre a crítica à ditadura e a participação ativa nos meandros estatais da Embrafilme.

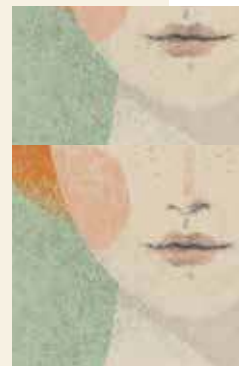
Fora desse esquadrão limitado estava tudo o que o Cinema Novo, em alguma medida, repelia: as chanchadas, a Vera Cruz, antes de 1950, e o Cinema Marginal, a Boca do Lixo Paulistana e as pornochanchadas, que vieram depois de “Deus e o Diabo” e, pelos mais variados motivos, não caíram no gosto refinado e político da geração dos novos. Para além da tela pintada pelo Cinema Novo está, portanto, a mais fina flor do cinema popular brasileiro: movimentos, cineastas e filmes que conseguiram retratar as mais diversas figurações do povo brasileiro na tela e promover um sentido completo de identificação entre público e filme.

Apresentamos nesse bimestre 4 filmes devotados ao imaginário popular brasileiro, em especial a nossa maior obsessão (e trauma) cinematográfico: o sexo. A arte do corpo sempre foi a maior das linhas divisórias no cinema brasileiro: separou ricos dos pobres, a cultura da baixaria, o nobre do reles, a elite do povão. A aceitação ou repulsa ao sexo nas telas determina qual círculo de giz se ocupa. Grande parte da ojeriza dos meios oficiais (e estatais) às pornochanchadas deriva do fato de que os filmes produzidos na Boca do Lixo ou no Beco da Cinelândia eram “pornográficos”. Tal afirmação é hoje simplesmente risível, mas fundamentou o abismo entre a pornochanchada e a história do Cine Brasilis. Enquanto a Embrafilme, a crítica e a inteligência cinematográfica brasileira torciam o nariz para as quase inocentes histórias contaminadas pelo desvario do tesão, o público

abraçava sem pestanejar os filmes dedicados às agruras do belo esporte. Em “one Plus one”, de Jean-Luc Godard, há uma cena em que uma frívola starlet (interpretada por Anne Wiazemsky) é entrevistada num descampado. As questões refletem o universo de dúvidas e quebra-cucas da geração dos anos 60. A certo momento o repórter dispara: “é verdade que as classes baixas fazem mais sexo que as elites?”. A história do cinema brasileiro nos mostra que o povão não tem medo nem nojo de sexo nas telas e goza, sim, senhor.

Nos filmes desse bimestre veremos a oposição entre um ambiente conservador e a busca por uma liberdade individual que necessariamente se afirma em oposição a um mundo moralista. Não nos enganemos, o cinema brasileiro nos ensinou: o melhor caminho pra liberdade é através do sexo. “O puritano da Rua Augusta”, comédia de Mazaroppi, é o menos “sexual” dos filmes apresentados, mas já traz em seu plot a receita pra cura de todo mal: pai de família conservador, membro de uma liga moralista, ao sofrer um ataque passa a se comportar de modo liberal, recuperando o apoio dos filhos e da esposa. “Amada amante”, filme de um verdadeiro mestre popular, Cláudio Cunha, é dos melhores filmes a expor um conflito tipicamente brasileiro, a oposição interior vs litoral, cristalizado na mais popular das fábulas nacionais: o encanto por um Rio de Janeiro idílico (e libertino, claro). “Amada amante” mostra as dores e delícias de uma família do interior paulista subitamente instalada em Copacabana. Outro filme a expor o Rio de Janeiro como o lugar ideal para se respirar os ares da liberdade (e os prazeres do sexo) é “Viúva Virgem”, de Pedro Paulo Rovai, que narra as aventuras de uma viúva que perdeu seu marido, um glutão coronel fazendeiro, na noite de núpcias. Ainda de luto, a jovem se muda ao Rio de Janeiro e passa a verdadeiramente lutar para perder a virgindade, degladiando-se numa pra lá de simbólica disputa com o espírito do falecido. Nenhum filme foi tão explícito quanto “Viúva Virgem”: só no Rio de Janeiro (e livrando-se do espectro da família e do casamento) se pode experimentar a “petit mort”. Por fim, exibiremos também “Mulher Objeto”, filme do célebre autor de novelas Sílvio de Abreu, que mostra uma jovem esposa interdita entre o sonho e a realidade: tem delírios sexuais constantes com todos os homens do mundo, menos o seu marido, com o qual não transa desde tempos imemoriais. Numa verdadeira jornada de autodescoberta, a esposa descobrirá a raiz de seus traumas e se libertará ao amor nos braços de outra mulher. Ousadia sem fim que o filme, e o público popular, o povo, não seria exagero dizer, celebra e compreende.

Affonso Uchôa



**08** Programação

**10** O Puritano da Rua Augusta  
*por Fernando Oriente*

**18** Cláudio Cunha conta  
como era gostoso o nosso cinema  
*entrevista por Laura Cânepa e Remier Lion*

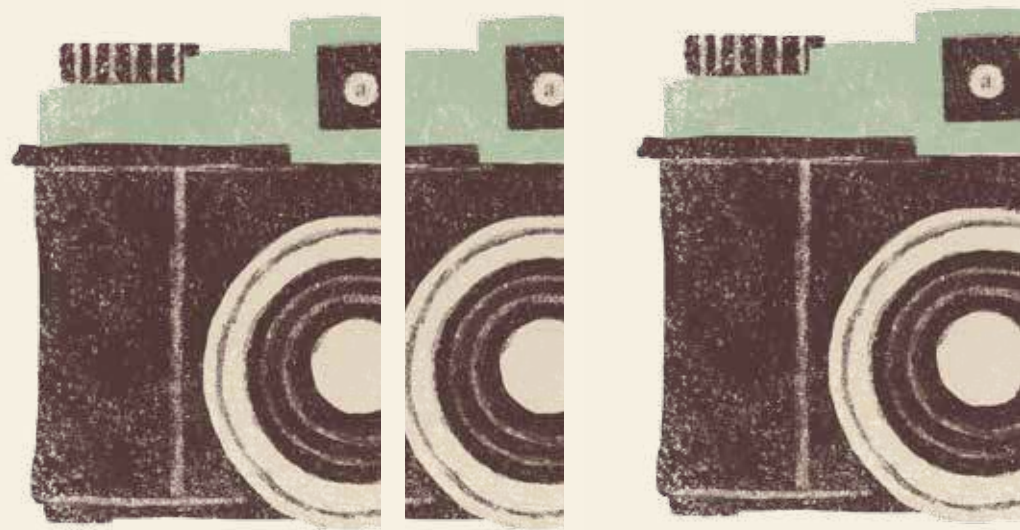
**26** Ficha técnica

**08** Local de exibição

**14** A Viúva Virgem  
*por Andrea Ormond*

**23** Mulher Objeto  
*por Andrea Ormond*

**27** Créditos



# SUMÁRIO

## PROGRAMAÇÃO

### JULHO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

### AGOSTO

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

**ENTRADA  
FRANCA**

EM TODAS AS EXIBIÇÕES!

#### Belo Horizonte/MG

**18/07 - 20H**

**O Puritano da Rua Augusta** | Amácio Mazzaropi, SP, 1965, 102'

Bate-papo após a sessão com o crítico Fábio Feldman.

Exibição Digital. **ENTRADA FRANCA!**

**25/07 - 20H**

**A Viúva Virgem** | Pedro Carlos Rovai, RJ, 1972, 100'

Bate-papo após a sessão com o curador do Curta Circuito Affonso Uchôa.

Exibição em 16mm. Fonte da Cópia Cinemateca Brasileira.

**ENTRADA FRANCA!**

**15/08 - 20H**

**Amada Amante** | Cláudio Cunha, SP, 1978, 95'

Bate-papo após a sessão com o diretor Flávio C. von Sperling

Exibição Digital. **ENTRADA FRANCA!**

**29/08 - 20H**

**Mulher Objeto** | Sílvio de Abreu, SP, 1981, 125'

Bate-papo após a sessão com a atriz Helena Ramos e o produtor Aníbal Massaini Neto.

Exibição em 35mm. Fonte da Cópia: Cinemateca Brasileira.

**ENTRADA FRANCA!**

## LOCAL DE EXIBIÇÃO

#### Cine Humberto Mauro,

Palácio das Artes

Av. Afonso Pena, nº 1537, Centro

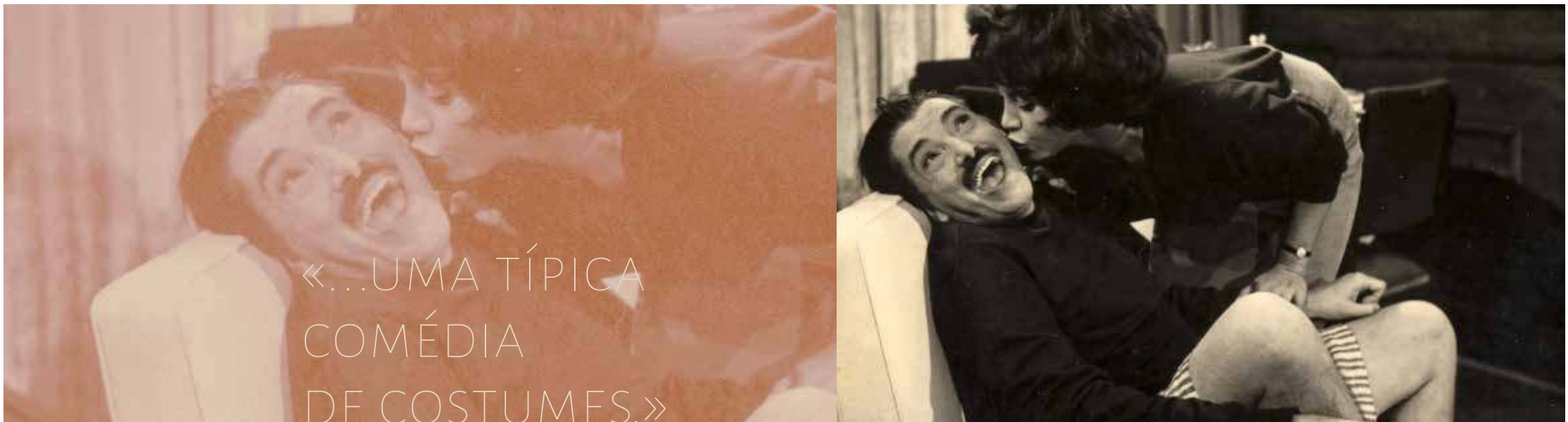
## AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Cláudio Constantino, a toda a equipe do Cine Humberto Mauro, Fundação Clóvis Salgado, Hernani Heffner, Fábio Veloso, Cinemateca do MAM, Leandro Pardi, Marli Santana, Nancy Korim, Cinemateca Brasileira, Equipe do Museu Mazzaropi, Pamela Botelho, Verônica Ferreira, Marcela Baptista, Sinrocine, Pedro Carlos Rovai, Família do Cláudio Cunha, Cláudios Cunhas (Filhos), Aníbal Massaini Neto, Sílvio de Abreu, Helena Ramos, Zenalde, Cinearte, Naraiana Peret, Wander Faria, Valeria Gonçalves, Val+Wander Fotografias, Carol Loose, Renato Loose, Par Filmes, Amanda Monteiro, Vânia Melo, Tide Mendes, Thiago Carlos Costa, Museu Histórico Abílio Barreto, Andrea Alencar, Janaina Silva, Natiele Alves, Marina Jordá, Gustavo Gontijo, Nereu Jr., Cadu Silva, Anna Valentina, Antônia Chaves, Águeda Chaves, Casa Ateliê, Rafaella Queiroz, Luiz Marcatto, Libretto, Fabiana Soares, Marina Montenegro, Mooca, Juliana Ribeiro, Alex Queiroz, Affonso Uchôa, Vinicius Correia, Jaque Del Debbio, Lígia Santos, Frames, Vinicius Moore, Júlia Braga, Museu de Grandes Novidades, Mariana Goulart, De.Ló bolos com afeto, Patrícia de Deus, Bárbara Prado, Natália Dornellas, Cecília Barbi, Jordana Menezes, Benfeitoria, Bruna Rodrigues, Pedro e equipe da LC Express, Andrea Ormond, Matheus Trunk, Leo Pyrata, Flávio C. von Sperling, Fábio Feldman, Fernando Oriente, Cid Nader, Cinequanon, Remier Lion, Laura Cánepa, Diana Gebrim, Tecar Fiat, João Paulo Cunha, Maria de Fátima Santos Mangabeira, BDMG Cultural, Alexandre Pedercini, Sambatech, Donato Peret Mauro, Ricardo Silva, Nova Contabilidade, Dr Rafael Neumayr, Drummond & Neumayr Advocacia, Paulo Henrique Silva, ABRACINE, Fórum dos Festivais, Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, Laly Cataguases, Marco Aurélio Ribeiro, Rafaella Fantauzzi, diretoria da Associação Curta Minas/ABD-MG e a todos (equipe e realizadores) que fizeram parte da história do Curta Circuito nesses 15 anos.





## ‘O PURITANO DA RUA AUGUSTA’, DE AMÁCIO MAZZAROPI



por Fernando Oriente

Lançado em 1965, ‘O Puritano da Rua Augusta’ é um filme que se encontra entre os dois mais famosos e bem sucedidos trabalhos de Mazzaropi: ‘A Tristeza do Jeca’, de 1961, e ‘O Corintiano’, de 1966. A comparação com esses dois longas é necessária para situarmos ‘O Puritano da Rua Augusta’ tanto dentro da obra de Amácio Mazzaropi quanto em relação ao momento em que ele foi feito e o que ele nos diz sobre o realizador e o período histórico em que está inserido. A primeira metade dos anos 60 foi de efervescência cultural no Brasil, que no cinema teve como destaque o surgimento e a solidificação do Cinema Novo e de seus diretores, principalmente Glauber Rocha. Ao mesmo tempo, nesse período o sucesso comercial de Mazzaropi só aumenta. Realizando filmes dentro da sua própria produtora e distribuidora, o ator, produtor, roteirista e diretor se consolida como um dos maiores sucessos comerciais do nosso cinema. Seu personagem, o caipira Jeca, leva milhões de pessoas às salas a cada filme lançado. Os filmes de Mazzaropi vivem exclusivamente da força do ator, do personagem que ele encarna

e das situações em que se desenvolvem as narrativas cômicas. O Jeca é uma caricatura, um estereótipo criado por Mazzaropi do homem comum do campo, em que simplicidade, ingenuidade, ignorância, teimosia, esperteza e valores morais são as bases para o humor, as ações e reviravoltas que compõem as narrativas, cheias de trapalhadas, sequências de ação, muita confusão, números musicais e sempre finais felizes e conciliadores em que se afirmam o triunfo das boas intenções e da correção moral.

‘O Puritano da Rua Augusta’ se destaca dentro da obra de Mazzaropi por ser um filme urbano - se passa na cidade de São Paulo - e porque os conflitos que provocam toda a

ação e o humor do longa são pautados por questões de conduta e costumes ligadas ao universo das grandes cidades e às mudanças culturais e de comportamento que tomam conta das metrópoles nos anos 1960. Embora esteja longe de seu habitat natural do interior, o personagem vivido por Mazzaropi traz grandes semelhanças com o Jeca, tanto na postura física, nos gestos, trejeitos, expressões e maneira de falar, quanto na ingenuidade, teimosia e no apego aos costumes morais. Mas são essas características psicológicas do personagem que irão dominar e condicionar todas as situações e acontecimentos na narrativa. Trata-se de um filme em que o moralismo, o apego às tradições, valores e os ditos bons costumes que já existiam no Jeca vêm à tona com muito mais força. Como o título deixa claro, Mazzaropi interpreta um homem extremamente puritano e moralista. Só que em vez do caipira humilde de seus filmes no campo, aqui temos ele como o senhor Pundoroso, um dono de fábrica rico, já em seu segundo casamento (com uma mulher bem mais jovem) e com filhos adolescentes morando em plena Rua Augusta.

É como se o Jeca tivesse ganhado dinheiro, comprado uma fábrica e uma casa na capital e tivesse de lidar com um ambiente hostil a sua formação e as suas crenças. O filme deixa claro que Pundoroso é um homem do campo, tanto que o começo de 'O Puritano da Rua Augusta' mostra o personagem chegando a sua casa na Rua Augusta vindo de uma fazenda, onde descobrimos que ele passa a maior parte do tempo, deixando sua mulher e filhos na cidade. O conflito já se estabelece desde o início, um embate entre o homem do interior e seus valores antigos e tradicionais com todo o restante da família, pessoas imersas na agitação, na contemporaneidade e nos novos costumes que tomam conta da cidade grande. Um conflito entre o velho e o novo. E é no campo da moral que se dará esse conflito. Como não podia deixar de ser, Mazaropi conduz tudo para o espectro da comicidade, das caricaturas e estereótipos que possibilitam as situações cômicas, as confusões e ações que farão do filme uma típica comédia de costumes.

Pundoroso não aceita que seus filhos vistam roupas modernas e da moda, saiam para beber e dançar, bem como se incomoda com sua mulher por ela ter uma vida cheia de compromissos com amigas em jogos de cartas e reuniões de lazer. Acuado na sua moral, ele se junta a uma liga formada por

homens e mulheres que pregam os valores dos bons costumes e da decência (algo comum na época e que ainda tem reflexo nos dias de hoje, como nas associações de senhoras católicas, grupos como o Rotary e o Lions e comunidades evangélicas). Além de atormentar e brigar com toda a família, ele passa seus dias ao lado de membros da liga fazendo pregações moralistas em praças, invadindo festas e bares para pregar contra a decadência moral e espiritual. Tudo o que é novo irrita Pundoroso, sejam roupas justas e curtas, músicas como o twist e o swing ou mesmo a liberdade individual dos jovens em saírem, namorarem, beberem e se divertirem longe da família.

'O Puritano da Rua Augusta' é um filme menor de Mazaropi e mesmo em relação ao humor é bem menos engraçado do que podíamos esperar de um diretor e ator como ele. Não tem a força de seus outros trabalhos e a encenação e o desenvolvimento dramático são bem inferiores à qualidade que ele atinge em longas como 'A Tristeza do Jeca' – seu melhor e mais bem resolvido projeto – e 'O Corintiano'. Elementos que ficavam implícitos em suas obras, como o moralismo, o machismo e mesmo o racismo

(aqui presente de forma incômoda na maneira como ele retrata a empregada negra hipersexualizada e reduzida ao campo inferior de serviço) surgem sem disfarces. Até a tentativa de conciliação final não funciona bem dessa vez. O filme fica preso aos excessos de caricatura dos personagens e das ações e a um timing de comédia equivocado e deslocado da narrativa e das situações que vemos em cena. A solução conciliadora do final reforça os preconceitos e deixa explícito o moralismo que conduz todo o filme.

O cinema de Mazaropi pensava sempre no sentido da diversão e em atingir o público de maneira simples e direta, algo que fez muito bem em quase todos os seus longas – marcados pela qualidade do humor, pelo talento do ator e também pelos aspectos formais e dramáticos bem cuidados e bem compostos que garantem entretenimento leve sem abdicar de inteligência, da crítica social sutil, da criatividade e do bom uso funcional da linguagem e das estruturas cinematográficas. Mas não deixa de ser incômodo que 'O Puritano da Rua Augusta', feito logo após o golpe civil-militar que ocorreu no Brasil em 1964, pregue e reafirme valores conservadores e moralistas que eram agenda e ideário dos artífices e apoiadores do regime militar. Um filme cujo resgate é necessário porque nos diz muito, principalmente pela distância histórica, de como o Brasil se via e se representava de maneiras muitas vezes radicalmente opostas por meio do cinema feito num período tão marcante para o país.



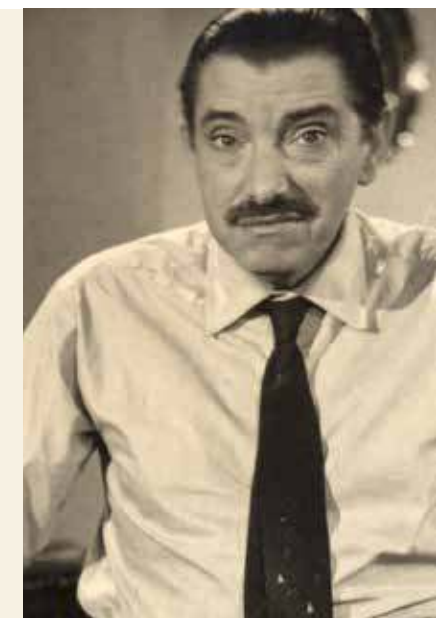
18/07 Belo Horizonte/MG 20H

**O Puritano da Rua Augusta** | Amácio Mazzaropi, SP, 1965, 102'  
Industrial puritano e conservador critica os hábitos modernos de seus filhos, fãs de rock'n'roll, e a rotina da esposa, uma madame que passa os dias entre encontros fúteis e chás beneficentes. Porta-voz dos bons costumes, ele adere a uma liga moralizante, mas, por conta dos conflitos com os parentes, adocece e vai parar num asilo. Tempos depois, já curado e disposto a se vingar, ele coloca em ação um plano de "modernização" pessoal para lidar com a esposa e os filhos.

ENTRADA FRANCA!

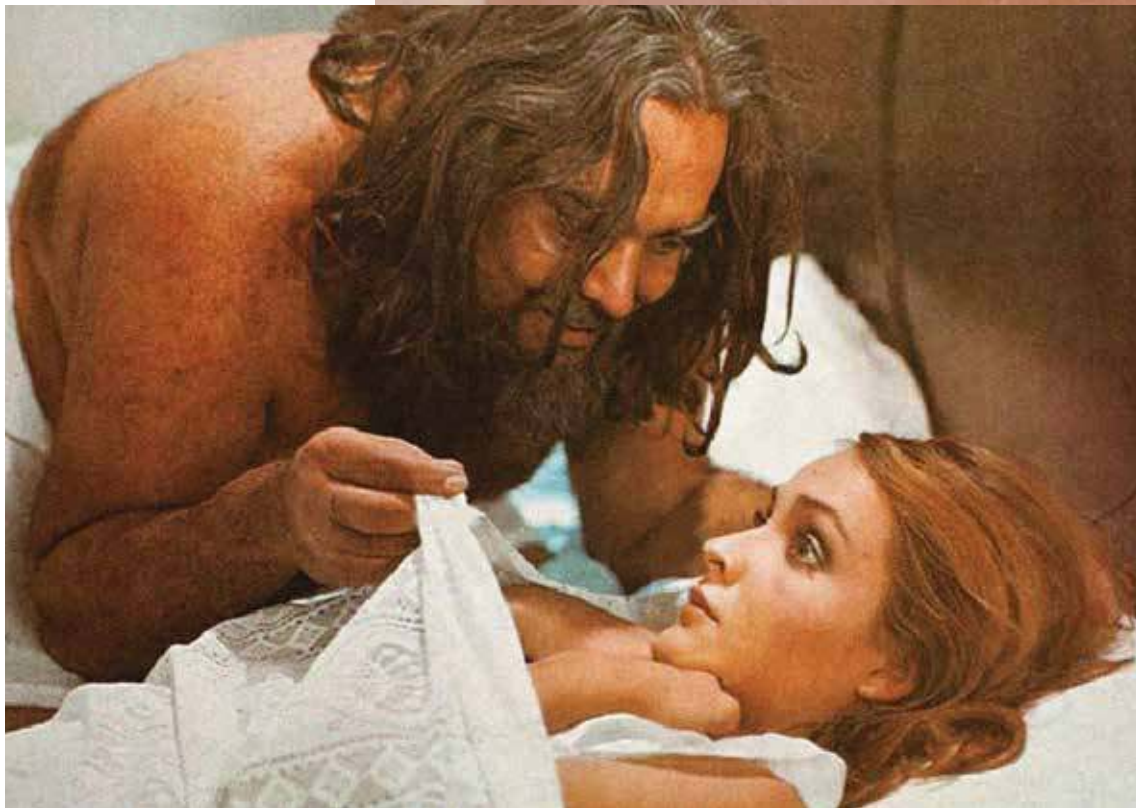


LIVRE





«...CARLOS IMPERIAL FOI UM DESTES LOUCOS QUE NÃO EXISTEM MAIS, POR QUEM O BRASIL DEVERIA BABAR DE ORGULHO...»



## A VIÚVA VIRGEM

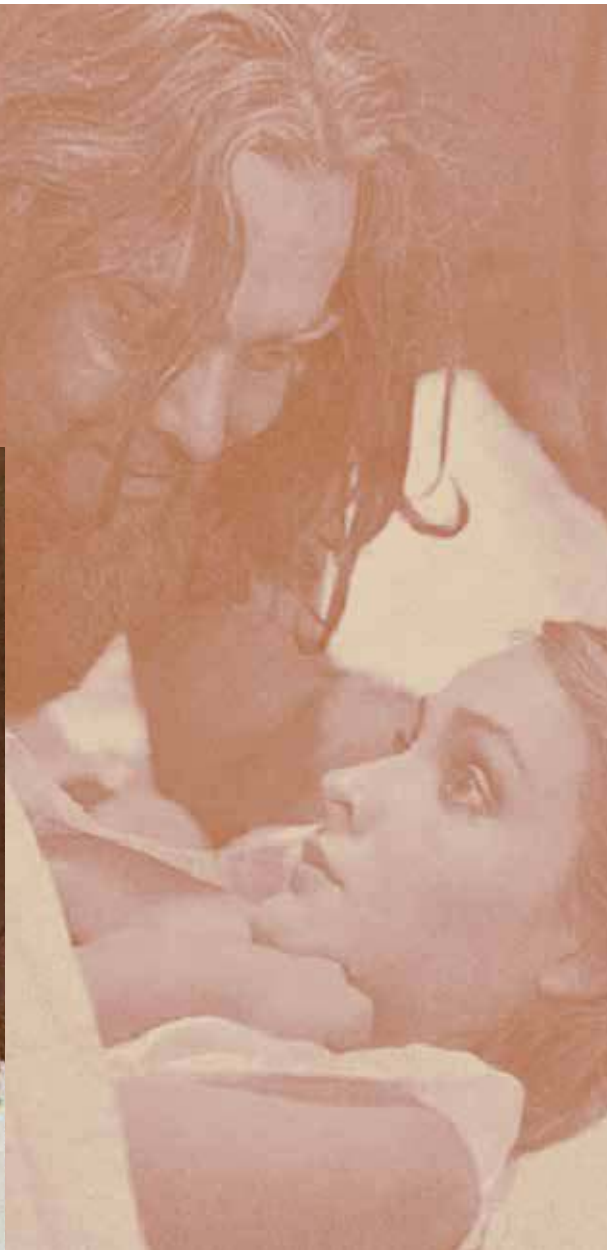
por *Andrea Ormond*

**Texto original publicado no blog Estranho Encontro em 2/12/2005**

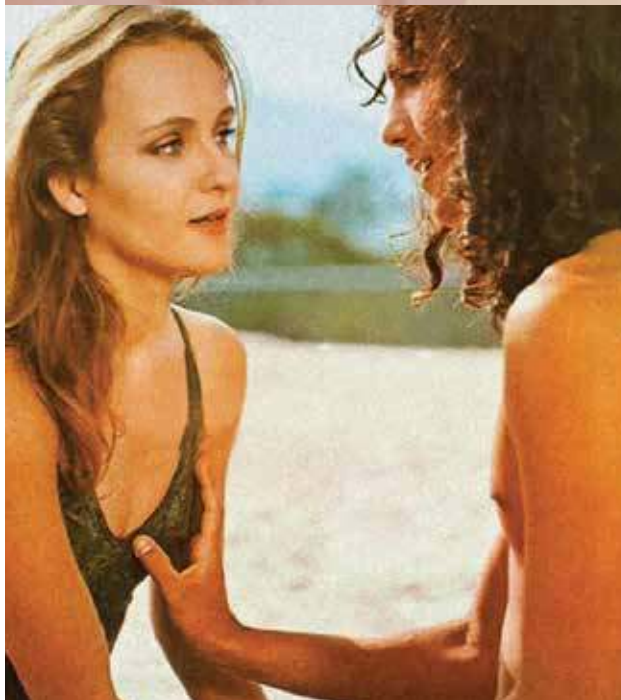
Carlos Imperial é o nome do homem. Carioca do Espírito Santo, criado em Copacabana, de Imperial há muita coisa boa a se falar e apenas um ou outro deslize em sua rocambolesca “carreira”. Produtor e diretor musical e cinematográfico, compositor, jornalista, escritor, apresentador de programas de auditório, e, em certa época da vida, ator bufo dos melhores, Carlos Imperial foi um destes loucos que não existem mais, por quem o Brasil deveria babar de orgulho.

Mas, pelo contrário, antes das trevas do esquecimento onde mergulharam sua memória hoje em dia, imprimiu-se a versão de um Imperial aproveitador, canalha, sem cultura e salafitário. Nada mais injusto para alguém que dedicou sua vida a criar. Com um décimo da versatilidade e da grandeza cultural de um Carlos Imperial, a maioria dos intelectuais brasileiros teria conduzido uma revolução positiva no país da segunda metade do século XX, ao invés de se enclausurarem nas cátedras medíocres de nossas universidades públicas deficitárias.

Existe, portanto, um ramo da cultura brasileira onde o malandro, o gordo cafajuste, o terror da Rua Miguel Lemos, Carlos Imperial, é sinônimo de história e selo de qualidade. Junto com Adriana Prieto, Jardel Filho e Darlene Glória, é ele quem dá a tônica em “A Viúva Virgem” (1972), intrincada comédia de situação, campeã de bilheteria naquele ano, contando a história de Cristina (Prieto), moça do interior de Minas, recém-casada com o ogro barbudo, Coronel Alexandrão (Imperial).







Desleixado e oleoso, o Coronel ganha na música do próprio Imperial – embebida dos hits rurais de Tim Maia, na fase “Coroné Antônio Bento” – sua melhor definição: “Uai, uai, coroné, coroné Alexandrão, deitou forte, bicho macho, povoou a região”. Pai de mais de setenta filhos, Alexandrão vai ao altar novamente, interrompe o padre (José Lewgoy) ao pedir para que se apresse, mas logo após os comes e bebes da recepção enfarta sobre Cristina sem consumir o casamento.

A “viúva virgem” Prieto, que repetidas vezes ora se diverte em cena – um vago sorriso no canto da boca, principalmente nas cenas com o endemoniado Imperial – ora parece perguntar-se onde foi parar o estilo seríssimo de “Memória de Helena” (1969), estrelado por ela três anos antes – o momento em que hesita ao aceitar o Coronel na cama transparece um requinte interpretativo que não combina lá muito bem com os gracejos do filme.

A partir do enterro do morto, tem-se início a guinada em direção à cidade grande; quando acompanhada pela tia (Henriqueta Brieba), Cristina cumpre orientações médicas e pretende relaxar. Encontra, porém, Constantino Gonçalves (Jardel Filho), falsário que se apresenta como industrial, dono da revendedora de sucos “Meu Limão, Meu Limoeiro” – na realidade, uma oficina mecânica caindo aos pedaços, especializada em lanternagem. A intenção, como não poderia deixar de ser, é a de aplicar-lhe um sonoro golpe do baú.

Constantino tem a ideia de criar o “Empreendimento Matrimonial Constantino Gonçalves”, vendendo pequenas cotas resgatáveis financeiramente após o enlace

matrimonial com a pobre viúva. Quem o auxilia é a trupe formada por sua irmã Tamara (Darlene Glória), que namora o raquítico bicho-grilo Paulinho (Marcelo, astro de “Minha Namorada”, já resenhado neste blog) e é amiga de Janete (Sônia Clara) – garota no estilo certinha do Lalau, mas ensandecida, que vive dando pulos e cometendo gestos esdrúxulos, no contraponto à autoridade risonha de Tamara.

O imbróglio central, porém, está na hilária volta do Coronel, que vaga em espírito atormentando a ex-mulher, Constantino e tia – que acaba servindo de “cavalo” ocasional para a incorporação do rotundo fazendeiro. Flutuando sobre os cômodos, indo à praia, aparecendo atrás de árvores ou de quatro, andando em gatinhas, Imperial é um show deslumbrante à parte, comanda o enredo e conspira de modo sobrenatural contra o estelionato do Sr. Gonçalves.

Aumentando a população nas telas, muitos personagens seguem no encaixe da virgem em ritmo de screwball comedy. Carlos Prieto, falecido irmão de Adriana, faz o amigo de trejeitos duvidosos. Otávio Augusto, de bigodinho, dirige um comercial. Wilson Grey, é bom que se diga, marca presença quando menos se espera, feliz que só, trocando olhares com Henriqueta Brieba.

Frustrado o golpe do baú, Cristina encontra o amor nos braços de Paulinho e é vista pela última vez ao seu lado, no carro cujo capô é tomado pelo vulto de Alexandrão. Sem mortos e sem feridos – apenas presos, por uma série de confusões num motel –, um comboio policial leva todos os atores, à exceção daquele trio, em clima de encontro de final de ano, sorridentes para um último passeio pela câmera do diretor Pedro Carlos Rovai. A cena final, como em filme brasileiro dos anos 70 que se preza, congela na imagem de Imperial mandando o espectador para aquele lugar.

Ninguém se importa, porque somos todos – espectadores, atores e diretor – convidados para a festa que, afinal, são os filmes e a vida deste monstro sagrado brasileiro. Treze anos depois do Coronel Alexandrão, Imperial seria candidato a prefeito do Rio pedindo voto para as crianças (“Eu sou a zebra, peça ao seu papai para votar na zebra!”), assumiu a função de apresentador fixo da apuração das notas do carnaval carioca (“Beija-Flor de Nilópolis, dez, nota dez!”), até falecer e ir diretamente para o céu, sem escalas, em Novembro de 1992. Um tributo ao gênio.



25/07 Belo Horizonte/MG 20H

### A Viúva Virgem |

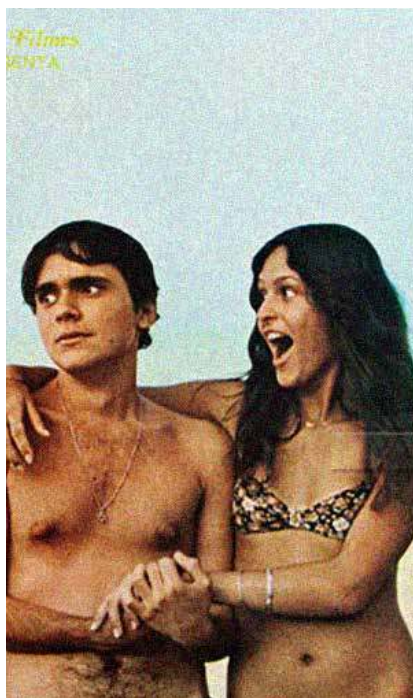
Pedro Carlos Rovai, RJ, 1972, 100'

Cristina fica viúva na noite de núpcias. Abalada, vai para o Rio e fica no apartamento que herdou do marido. Lá, o malandro Constantino passa a cortejá-la e o fantasma do esposo aparece e a impede de perder a virgindade.

ENTRADA FRANCA!

18

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS



## CLÁUDIO CUNHA CONTA COMO ERA GOSTOSO O NOSSO CINEMA

**Entrevista: Laura Cánepa e Remier Lion, realizada em outubro de 2005 para Cinequanon.**

*Entrevista na íntegra: O Cinequanon.art.br*

**Na década de 1970, Cláudio Cunha foi um dos mais poderosos produtores da chamada “Boca do Lixo” paulistana, local onde se produziram os principais filmes do ciclo conhecido como “pornochanchada”. Entre os grandes sucessos do produtor e diretor estão títulos hoje pouco lembrados, mas que levaram milhões de brasileiros ao cinema, tais como “Snuff – Vítimas do Prazer” (1977), “Amada Amante” (1978) e “A Dama da Zona” (1979).**

**Afastado do cinema desde a metade dos anos 80, hoje, Cláudio Cunha, aos 58 anos, está no livro Guinness como produtor e ator do espetáculo teatral mais longo do mundo: “O Analista de Bagé”, em cartaz nos teatros brasileiros desde 1983. Nesta entrevista exclusiva ao cinequanon.art.br, ele solta o verbo e diz o que pensa do passado, do presente e do futuro do cinema brasileiro.**

**Fale um pouco sobre como você chegou ao cinema.**

*Cláudio Cunha* : Minha primeira participação no cinema foi como ator, num filme do Roberto Mauro chamado “As Mulheres Amam por Conveniência” (1972). Na época, eu tinha uns 20 e poucos anos, e estava dando os primeiros passos na carreira: trabalhava na TV Excelsior como assistente de estúdio, e tinha planos de me tornar ator. Mas o mais curioso foi como cheguei a querer me tornar ator. Durante a segunda metade da década de 1960, eu era funcionário público, havia conseguido este cargo por que fiz um discurso para o Adhemar de Barros (governador da época) que me colocou na Caixa Econômica Estadual, na Carteira Hipotecária. Era um alto emprego. Mas, em 1967, fui baleado numa briga de rua, fiquei um ano no Hospital do Servidor Público com a bala alojada na coluna cervical e, deprimido, num certo dia, decidi me jogar pela janela. Então, o Nicolau, um cara que tinha se operado das amígdalas e que dividia o quarto comigo, me puxou, e quase teve uma hemorragia de tanto gritar socorro. A história ficou famosa, tenho até algumas reportagens antigas que falam sobre isso... Pois bem, depois desse episódio, ainda no hospital, assisti a um filme (cujo título não me lembro) que falava sobre um jogador de basquete que sofrera

um acidente parecido, e esse filme me deu força para enfrentar todo o problema. Comecei, assim, a me interessar por cinema e, no hospital mesmo, já comecei a pedir livros sobre o assunto. E decidi: “se eu sair daqui, vou me meter na vida artística”. Então, quando saí do hospital, nunca mais voltei para a Caixa Econômica: abandonei meu emprego e comecei a ser figurante da TV Excelsior.

**E como você chegou ao filme do Roberto Mauro? Na época, era muito comum essa migração da TV para o cinema?**

*Cláudio Cunha*: Sim, era. Mas a minha entrada no filme se deu por intermédio de uma namorada, a Rejane Ritter, que estava escalada para o filme dele. Ela me apresentou ao Roberto Mauro, ele gostou de mim e me deu o papel. Mas eu continuava na Excelsior, onde fiz uma novela chamada “Meu Pedacinho de Chão” – que deu um ibope violento. Aí, um dia apareceu na TV um japonês bem picareta que tinha uma dessas agências de formação de atores e que me convidou para dar uma palestra pros alunos dele. Quando cheguei lá, notei um cara fotografando o evento com uma câmera maravilhosa, material de último tipo. No final da reunião, o japonês me apresentou pra ele: “esse aqui é o Pedro Faus, um maníaco por fotografia que fotografa aqui pra mim de graça”. Acabei ficando amigo do cara, e ele me convidou pra jantar na casa dele. Era uma tremenda mansão no Jardim América, com mordomo e tudo, e eu fiquei impressionado com toda aquela riqueza, pois sou um garoto de subúrbio, da Vila Guilherme. Então, quando o cara foi mostrar as fotos dele num enorme projetor de slides, perguntei: “Pedrinho, por que você não faz um filme, já que gosta tanto de fotografia?”. Ele ficou interessado, e eu falei que poderia fazer um orçamento e um roteiro e que o custo ficaria em torno de uns cem mil. Ele aceitou! Fiquei tão empolgado que, naquela mesma noite,

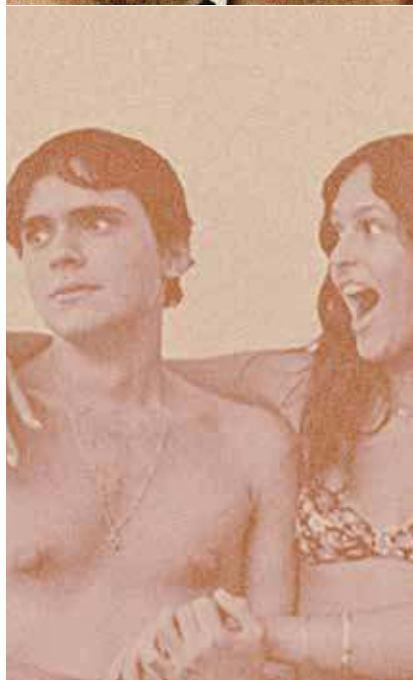
bolei o argumento de “O Poderoso Machão”, que era copiado do modelo de comédias eróticas italianas que faziam muito sucesso por aqui.

**De alguma maneira, então, já pensando em termos do que depois seria chamado de pornochanchada?**

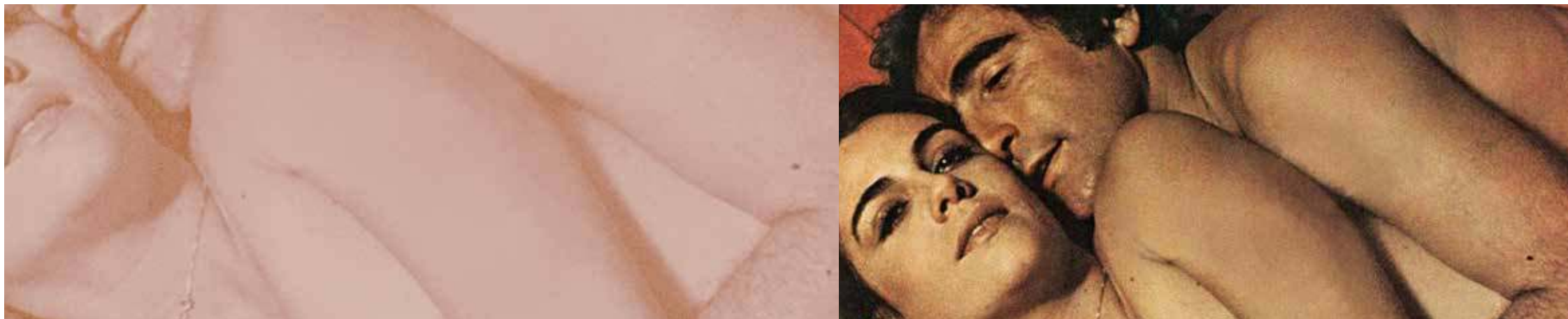
*Cláudio Cunha*: Sim. O que se chama de pornochanchada era o cinema italiano que a gente copiava. O cinema brasileiro da época tinha perdido o público da chanchada e era esse público que a gente queria trazer de volta. Então, a gente copiava os filmes italianos de sucesso, que eram baratos e tinham apelo de público por causa do erotismo. O argumento de “O Poderoso Machão” era baseado no “Super-Macho” do Orlando Buzanca, aquele filme sobre um cara que tinha três culhões. Minha história era a seguinte: um cara que morava na pensão da noiva tinha o hábito de espiá-la trocando de roupa. Um dia, enquanto a espiava, conferia pelo rádio o resultado da Loteria Esportiva. Aí, à medida que ela ia tirando a roupa, ele ia acertando os jogos e, quando ela tirava a calcinha, ele cravava os 13 pontos. Por causa disso, ele acabava adquirindo um priapismo permanente. O argumento era muito engraçado, escrevi o roteiro com o Sílvio de Abreu que tinha uma escola de cinema.

**E quem dirigiu o filme?**

*Cláudio Cunha*: Pois é, chamei o Roberto Mauro e disse: “descolei um boi” (“Boi” era como a gente chamava os caras que bancavam os filmes, geralmente em busca de conseguir mulher, o que não era o caso do Pedrinho). Perguntei por quanto ele faria o filme e ele disse que tudo sairia por uns 80 mil. Era perfeito, porque a gente faria o filme, pagaria nossas dívidas e dividiria o que sobrasse. Ainda por cima, o Pedrinho daria 50% do filme pra nós! O cara simplesmente havia caído do céu. A gente não acreditava. No dia de assinar o contrato, eu ainda não tinha apresentado o Roberto Mauro pros caras, pois ele tinha medo de estragar tudo (ele era daqueles pessimistas que andam sempre com uma nuvem preta na cabeça, então já viu, ele achava que alguma coisa ia dar muito errado). Chegamos ao escritório do Pedrinho







no Anhangabaú, o Roberto morrendo de medo, subimos e, quando chegamos, a secretária falou que o senhor Pedro não poderia nos atender. Foi suficiente para o Roberto dizer: “Tá vendo? Eu sabia que isso não ia dar certo”, e tal. Mas no final fomos atendidos pelo advogado, que nos recebeu com o contrato e o cheque. O Roberto quase desmaiou. Abrimos uma conta conjunta no banco, pagamos nossas dívidas e fizemos o filme, estrelado pelo Ewerton de Castro.

#### O filme fez sucesso?

*Cláudio Cunha:* Não exatamente, nós sofremos muito por causa da censura, muitas partes foram cortadas. O filme foi lançado em 1976, bem depois da produção. Inclusive o Pedrinho se aborreceu com a gente, acabou vendendo a parte dele para um cara que tinha um laboratório cinematográfico aqui em São Paulo. Apesar de tudo, posso me orgulhar de ter lançado, nesse filme, a atriz Matilde Masstrangi, musa do cinema brasileiro nos anos 70.

#### E como foi sua estreia na direção, com “Clube das Infieis” (1974)?

*Cláudio Cunha:* Esse filme um amigo meu bancou. Eu tinha um posto de gasolina, ele também. Quase fali meu posto para fazer o filme. O roteiro era do Marcus Rey, que trabalhou em muitos filmes nos anos 70. Nesse filme, eu também lancei outras duas moças que se tornaram musas do cinema brasileiro. Como a gente não tinha dinheiro para pagar atrizes, eu convidei a Helena Ramos que era telemoça do Sílvia Santos e a Aldine Miller que tinha recém-chegado do Sul.

#### E você já se sentia seguro como diretor de cinema?

*Cláudio Cunha:* Sim, mas eu era totalmente intuitivo, nem sei explicar exatamente como eu fazia. Não tinha storyboard, e mesmo a

decupagem das cenas era pensada na hora da filmagem, durante o ensaio. Acho que, por ter passado toda a minha infância lendo gibis, eu tinha alguma noção de enquadramento e de encadeamento das cenas que vem das histórias em quadrinhos, o que facilitava muito, pois quadrinhos e cinema são artes que têm muito em comum.

#### No seu filme seguinte, “O Dia em que o Santo Pecou” (1975), você foi só diretor contratado. Como foi a experiência?

*Cláudio Cunha:* Esse filme foi bem mais complicado. A ideia foi do Benedito Ruy Barbosa. Ele ficara impressionado com meu trabalho em “O Clube das Infieis” e me disse assim: “Se com um roteiro de merda do Marcus Rey você fez esse filme, imagino o que você vai fazer com o meu roteiro”. Achei isso uma injustiça, pois o Marcus Rey sempre foi um roteirista de cinema, enquanto o Ruy Barbosa é mais um novelista. Mas topei, claro, e fomos fazer o filme. Era um projeto pretensioso, caro, um filme de época. Além disso, não era eu que produzia: os produtores eram o próprio Benedito, associado ao Laudo Natel que era governador de São Paulo na época e tinha uma dívida moral

com o Benedito por causa de alguns problemas com uma novela dele na TV Cultura. As filmagens foram infernais, pois eu era apenas um diretor contratado, com o roteirista do lado me enchendo o dia inteiro. A coisa foi tão longe que um dia eu proibi o Benedito de aparecer no set. Mas foi uma experiência importante, tive que me impor em cima de todo mundo e até lancei a mulher dele como atriz, contra a vontade dele (ela pediu um papel).

#### Mas, apesar do título, esse filme não tinha relação com a pornochanchada, não é?

*Cláudio Cunha:* Pois é, o argumento é em cima de uma lenda que existe em São Sebastião. Segundo a história que se conta por lá, um dia, foi encontrado morto em frente à igreja da cidade um cidadão que era visto como herege por ofender o santo padroeiro da cidade em procissões. Aí, quando chega o Delegado para investigar, todo o povo diz que o assassino foi o Santo e, como naquela época entidades sobrenaturais podiam ser condenadas, o Santo acabou sendo condenado pelo Juiz como assassino do valentão. Então, a relação desse filme com as pornochanchadas existe apenas no título, que acabou sendo interessante para atrair o público. Até dei uma apimentada no filme, pois sabia o que estava rolando na época, mas foi muito pouco.

#### Agora fale um pouco sobre “Snuff – Vítimas do Prazer” (1977), sua parceria com Carlos Reichembach que se tornou um dos maiores sucessos do cinema brasileiro de todos os tempos.

*Cláudio Cunha:* Esse filme eu dirigi e produzi. O Carlão fez o roteiro. Contava a história de dois americanos que chegam ao Brasil para filmar um snuff-movie (filme em que as pessoas são assassinadas

de verdade). A divulgação que a gente fez foi bem pensada: o filme tinha um trailer em que entrevistávamos pessoas sobre o que elas achavam de um filme em que os atores morrem de verdade. A curiosidade gerada foi grande, claro. Mas, quando lançamos o filme, não tínhamos ideia de como seria a recepção. Então, houve a estreia. Foi no Cine Marabá, um dos maiores da cidade, numa segunda-feira. Curioso para ver como seria o primeiro dia (que era decisivo para medir o sucesso dos filmes), cheguei à avenida Ipiranga, vi um tumulto, e pensei: “caralho, estragou minha estreia, o que será que houve?”. Parecia estar havendo uma passeata bem em frente ao cinema. Só quando me aproximei é que percebi que o tumulto era por causa do meu filme.

#### E não era nenhuma passeata contra o filme?

*Cláudio Cunha:* Não, era fila, mesmo! E não era pra menos: na entrada no Marabá, em letras garrafais, uma faixa anunciava: “Snuff - O filme em que as atrizes foram estupra-das e assassinadas de verdade”; “Snuff - O filme assassino” e coisas desse tipo. Como eu sabia que o filme teria impacto, eu também havia me precavido: contratei duas

mulheres para gritarem na primeira sessão. Eram umas professoras que ganhavam um salário de merda, viajavam com a cópia para gritar e controlar a bilheteria. Foi uma loucura, as matines lotavam, e eram aquelas lotações gigantes, com mais de mil pessoas por sessão. O filme dobrou várias semanas nesse pique, talvez tenha sido o filme mais lucrativo que eu produzi, mas, como eu era muito ingênuo, não controlei direito a bilheteria, devo ter perdido um dinheirão ali.

**Seu filme seguinte como produtor e diretor, "Amada Amante" (1978), também causou polêmica, mas por outras razões.**

**Como foi essa história?**

*Cláudio Cunha:* Eu tinha o título "Amada Amante" registrado na Biblioteca Nacional desde que o Roberto Carlos lançara a música. Um dia, eu comentei numa distribuidora que estava tentando levantar fundos para

um filme com esse título. Só que o Luiz Carlos Barreto estava por lá, cresceu o olho e, na semana seguinte, já tinha comprado os direitos da música do Roberto para fazer um filme com o mesmo nome, sem saber que eu já o tinha registrado. Aí aconteceu algo inusitado: os dois filmes começaram a ser filmados ao mesmo tempo, e na mesma cidade – Rio de Janeiro, para onde eu viajei com a equipe. Era meu primeiro filme com elenco de peso (Sandra Bréa, Luis Gustavo), e eu queria muito filmar no Rio, pois a história era a de uma família que se mudava do interior de São Paulo para lá. E, enquanto a gente filmava, a briga na justiça corria solta por causa do título. O Barreto chegou a dar uma entrevista em que me acusava: "Cláudio Cunha é um gangster da Boca do Lixo", ele disse. Até entrei com processo na Lei de Imprensa, fiz ele se retratar e tal. Depois de muita polêmica, fiquei com o título e ele com a música. Essa briga toda é citada no livro do Walter Clark (página 240), em que ele conta: "Perdemos a briga de 'Amada Amante' para o Cláudio Cunha; o filme dele fez dois milhões de espectadores, enquanto o nosso fez apenas 200 mil. Esses Barretos não entendem nada de cinema". Adoro essa passagem, mas tenho uma correção a fazer: "Amada Amante" não fez dois milhões de espectadores, e sim 8 milhões.



**15/08** Belo Horizonte/MG 20H

**Amada Amante |**  
Cláudio Cunha, SP, 1978, 95'

O moralista Augusto muda-se com a mulher e os filhos para o Rio de Janeiro, após anos vivendo no interior de São Paulo. Porém, o novo endereço transforma os hábitos da família: enquanto o patriarca vive um tórrido caso com a secretária, os filhos se aventuram em uma série de situações proibidas.

**ENTRADA FRANCA!**

18

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS



«... HELENA RAMOS COM OLHARES TRANSTORNADOS, TÍPICA TRAVADA SEXUAL, FAZ DA PERSONAGEM UM SHOW À PARTE...»

## MULHER OBJETO

por *Andrea Ormond*

Sílvio de Abreu é mais conhecido como autor de novelas ambientadas em São Paulo, com doses cavallares de humor inofensivo. Escreveu *Guerra dos Sexos*, estrondoso sucesso de 1983, em que Paulo Autran e Fernanda Montenegro trocavam tapas e beijos em meio à revoada de pães, doces, mingaus e utensílios comestíveis. Dois anos antes, porém, Sílvio caminhava pelas calçadas da rua do Triunfo e dirigiu *Mulher Objeto*, produção de Aníbal Massaini, estrelada por Helena Ramos – musa da Boca do Lixo e dos mais variados esportes equestres –, Nuno Leal Maia, Kate Lyra, Hélio Souto.

Os rumores em volta de *Mulher Objeto* são tantos que nem se esgotam nas telas. Alberto Salvá, creditado como "argumentista", afirmava ter desenvolvido a ideia central e o roteiro. A ficha técnica confere *script* e diálogos apenas a Jayme Camargo. Esta cizânia, nem sempre comentada, pode ajudar a entendermos melhor a panterística Regina (Helena Ramos). Farrah Fawcett morena, com óculos de Jackie O. Frígida, que leva o marido às raíças da loucura.

Negando fogo e sem saber como voltar à normalidade conjugal, Regina parece uma continuação *over*, carregada nas tintas, de outra personagem de Salvá: Luísa, a trintona de *Inquietações de Uma Mulher Casada* (1979), parente da *Malu Mulher*. Insatisfação, dependência, mercado de trabalho, ameaças de divórcio.

O toque de Alberto Salvá – cronista doce e caudaloso do cotidiano – receberia em *Mulher Objeto* a mão pesada da época, 1981. Os pelos estouram, genitais masculinos e femininos. O drama de costumes cada vez mais flertava com elementos explícitos até a futura submissão, completa e absoluta, ao pornô. De joelhos perante as *mistresses* do sexo, a antiga pornochanchada evapora na década de 80.



Bizarramente, por descuido ou má-fé, pornochanchada virou sinônimo de pornografia. E ambos os gêneros, pornochanchadas e pornôs, designariam tudo o que foi feito, em todos os anos e em todas as fases da Boca do Lixo. Local que abrigou comédias, experimentais, históricos, dramalhões, policiais, desde as primeiras latas de filme carregadas pelas ruelas próximas à estação da Luz.

O título “*Mulher Objeto*” não se aplica bem ao roteiro, que segue razoavelmente inteligente até o final. Nesta hora o moralismo debiloide e machista conspira contra as andanças de Regina e une-a ao marido. Abençoa os dois na base do bom e velho sexo selvagem.

De início, um *close* no peitoral de Regina colocava as coisas logo em ordem. Música tipo “*Jaws*” satirizando a chegada do pobre Hélio. Há meses Regina não transava com o marido e acumulava fantasias eróticas, não concretizadas, com todos os homens da face da terra menos ele.

Anotem uma pequena lista dos delírios: sexo na quadra de tênis com um protótipo de Jay Gatsby; pânico atrevido em sala de cirurgia; torneiro mecânico derramando óleo sobre as partes; *bondage* com a amiguinha prafrentex (Kate Lyra). Momento de *nunsplotation* delicioso, que explica a origem das neuroses de Regina. “Foi a primeira vez que eu quase senti prazer”, diz ao lembrar as bordoadas que recebeu da madre superiora no orfanato.

A histeria dá inveja às analisandas de Charcot e Freud. Toda vez que se aproxima do que os franceses, lugubrememente, apelidaram de “pequena morte”, Regina surta, vê pombos voando, grita, não goza. A protagonista expõe-se ao marido, conta absolutamente tudo, e, ao invés de ser estapeada, vai ao analista. Tentando ser cabeça e racional, Hélio parece compreensivo. Nuno Leal Maia, coitado, especializava-se no papel de esposo insatisfeito, repetindo a dose de *A Dama do Lotação* (1978). Pelo menos paga as consultas da doutora (Karin Rodrigues) que, alvissaras, traga cigarros feito chaminé. Tudo pelo bem da ciência – e do charme à la filme B. No clássico *Mulher, Mulher* (1977), Jean Garrett também retratava uma moçoila sem orgasmos – a mesma Helena Ramos –, esposa de psicanalista. Ao enviivar, procurava o prazer das maneiras mais inesperadas.

Aproveitando a testosterona no ar, os nus frontais masculinos pipocam em *Mulher Objeto*. Há, por exemplo, um ousado nu infantil: garoto de cerca de 13 anos. A primeira quase-transa consensual de Regina,

quando pequena. Há os adultos. Um deles, o rapagão que ela conhece numa boate e larga na cama do motel.

Subitamente, Regina está pronta para novos relacionamentos. Liberada para um sexo bacana, cuca fresca, não precisa mais do motel. No rádio, é claro, Nina Simone canta “*there’s a new world commin’/... commin’ in peace/ commin’ in joy*”. Ainda no quesito musical, já haviam aparecido os Originais do Samba, o conjunto de Mussum antes dos Trapalhões. É réveillon, cantemos com eles. “Feliz [sic] ano velho, feliz ano novo.”

Hitchcock faz ponta no filme. Melhor dizendo, a música de Bernard Herrmann, emblema de *Psicose*, surge nas cenas em que Regina começa a decifrar os traumas de infância. Homenagem dos autores, muito bem-vinda. Homenagens, aliás, não faltam. A história de Regina lembra um pouco a de Helena Ramos, também ela interna de colégio de freiras, dos 8 aos 10 anos de idade.

Assistir a *Mulher Objeto* transmite uma sensação de *déjà vu*. Certas vezes parece episódio da antiga série *Casal Vinte*, pela decoração setentista carregada, cheia de samambaias, unhas vermelhas, o “chic do chic”. O cuidado proposital na direção de arte visava justamente fazer com que o filme se tornasse mais palatável, uma espécie de *Emanuelle* dos trópicos.

Como boa *Emanuelle*, Regina tem o momento da escapada lésbica. Contracenando com Maria Lúcia Dahl (Maruska), as atuações são primorosas. Destaca-se o monólogo de Maruska, no frêmito de convencer Regina, com um papo ardisosíssimo. Transcrevo o começo:

“– Eu adoro as mulheres, as mulheres sabem



das coisas... Eu sempre me dei muito bem com elas... Esse mesmo número com homens e mulheres não seria tão suave, tão plástico, tão excitante, você não acha?”

Já de volta para casa, no carro e de piteira na mão, Dahl lança a frase antológica:

“– Eu gosto muito de uma relação entre mulheres, sabe?”

Poucas vezes se ouve tanto a palavra “mulher” e sua variante no plural quanto nos minutos que envolvem a cantada de Maruska, o desenlace entre as duas – imaginado por Regina – e a despedida no carro. *Mulher Objeto* tem dessas coisas. Entra para a galeria dos filmes brasileiros que vibravam nas telas, levavam hordas de espectadores ao cinema e povoavam os sonhos de senhores e senhoras, respeitáveis ou não. Helena Ramos com olhares transtornados, típica travada sexual, faz da personagem um show à parte. Mal sabia ela, consagra-se eternamente como a Norma Desmond do Bar Soberano e adjacências.

29/08 Belo Horizonte/MG 20H

**Mulher Objeto** | *Silvio de Abreu, SP, 1981, 125'*

Regina não passa de uma submissa e reprimida ex-secretária que só alcança o prazer através de fetiches que não abandonam sua imaginação. Ela sofre com essa situação incomum, que ameaça o confortável casamento com o rico empresário Hélio e, atormentada pela intensidade dos devaneios picantes, não consegue se relacionar sexualmente com o marido.

**ENTRADA FRANCA!**

**18**

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

# FICHA TÉCNICA

## REALIZAÇÃO

Le Petit

## DIREÇÃO

Daniela Fernandes · Le Petit

## PRODUÇÃO EXECUTIVA

Cláudio Constantino

## CURADORIA

Affonso Uchôa

## PRODUÇÃO

Vinicius Correia

## EDITOR

Alex Queiroz

## PROJEÇÃO DIGITAL

FRAMES

## TRÁFEGO DE CÓPIAS

Lc Express

## DESIGN

Naraiana Peret · Le Petit

## ILUSTRAÇÃO

Anna Cunha

## WEBSITE

Vinicius Moore

## CONSULTORIA JURÍDICA

Dr Rafael Neumary -  
Drummond & Neumayr Advocacia

## AMBIENTAÇÃO

Museu de Grandes Novidades

## IDEALIZAÇÃO

Associação Curta Minas/ABD-MG

## VINHETA

**Criação** Par Filmes

**Still** VAL+WANDER Fotografias

**Stylist** Amanda Monteiro

**Make-up** Andrea Alencar

**Modelos** Marina Jordá,

Natiele Alves, Gustavo Gontijo

**Locação** Casa Ateliê

**Trilha** Renato Loose

## COMUNICAÇÃO

**Imprensa** Bárbara Prado

**Redes Sociais** Le Petit

**Fotografia**

VAL+WANDER Fotografias

**Vídeos e Making Of** Par Filmes

## CADERNO DE CRÍTICA/PUBLICAÇÃO

**Coordenação Editorial**

Daniela Fernandes

**Design** Naraiana Peret

**Ilustração** Anna Cunha

**Colaborador** Laly Cataguases

**Artigos** Fernando Oriente,

Andrea Ormond, Laura Cánepa e

Remier Lion.

## MIMOS LE PETIT

**Concepção** Daniela Fernandes

**Design** Naraiana Peret

**Ilustração** Anna Cunha

**Encadernação** Libretto

**Execução/Necessaire**

Juliana Ribeiro

**Arte em metal** Donato Peret

**Bolo de Pote** - DE.LÓ bolos com afeto



## PATROCÍNIO



Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Grupo

**Tecar**



## PARCERIA



FILMES PARA CASAMENTOS



VAL+WANDER

amanda.monteiro



DE.LÓ  
bolos com afeto



CASA-ATELIÊ



libretto  
cadernos artesanais

andrea alencar:  
make up & hair



MUSEU DE GRANDES NOVIDADES



FÓRUM  
dos Festivais

## PARTICIPAÇÃO



FUNDAÇÃO  
CLÓVIS SALGADO

SECRETARIA DE  
CULTURA



MINAS  
GERAIS  
GOVERNO DE TODOS

benfeitoria

## APOIO INSTITUCIONAL



FÓRUM  
dos Festivais

## APOIO CULTURAL



TAMÓIOS  
EDITORA GRAFICA



cinemateca brasileira



AAA



Holiday Inn

## REALIZAÇÃO



le petit



Realização

le petit 

**[producaocurtacircuito@gmail.com](mailto:producaocurtacircuito@gmail.com)**

**+ 55 31 3226-9625**

Rua Goitacazes, n 90/903, Centro.

CEP 30190-050 Belo Horizonte-MG

Este caderno de crítica foi realizado com recursos de Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Fundação Municipal de Cultura.